



A REFUTAÇÃO DA TESE DA IMPERFECTIBILIDADE DA FORMA NATURAL FEMININA EM CHRISTINE DE PIZAN

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2026.221.04>

Bruno Guedes Santiago

Advogado formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-graduado em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

bruno10_gs@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6055-6498>

RESUMO:

Christine de Pizan, autora medieval do século XIV, é uma autora ímpar e que merece o devido reconhecimento por parte da comunidade acadêmica. A autora apresentou ideias tidas como inconcebíveis para a sua época, visto que viveu em um período da história da humanidade no qual as mulheres viviam em situação de desigualdade em relação ao homem no que diz respeito aos seus direitos e autodeterminação. Evocava-se, naquela época, através de pretensas justificativas religiosas e provenientes do Mito da Criação, as razões pelas quais as mulheres desde o princípio da humanidade deveriam ser consideradas como inferiores e/ou somente auxiliares à figura do homem. Pizan, no entanto, apresentou de forma eloquente em seus textos uma verdadeira defesa da figura feminina frente às posições falaciosas de sua época. O presente artigo apresentará, desse modo, o argumento de Pizan contra a tese da imperfectibilidade da forma natural feminina, argumento este que pode ser considerado um dos precursores da insurgência contra o patriarcado na História da Europa.

PALAVRAS-CHAVE:

Defesa das mulheres. Mito da Criação. Moral.

THE REFUTATION OF THE THESIS OF THE IMPERFECTIBILITY OF THE NATURAL FEMALE FORM IN CHRISTINE PIZAN

ABSTRACT:

Christine Pizan, a medieval author from the 14th century, is a unique writer who deserves recognition from the academic Community. She presented ideas considered inconceivable for her time, as she lived in a period of history when women lived in a situation of inequality compared to men regarding their rights and self-determination. During that time, purported religious justifications and those stemming from the Creation Myth were evoked to explain why women should be considered inferior and/or only auxiliary to men from the beginning of humanity. However, Pizan eloquently presented in her texts a true defense of the female figure against the fallacious positions of her time. This article will thus present Pizan's argument against thesis of the imperfectibility of the natural female form, an argument that can be considered one of the precursors to the insurgency against patriarchy in European history.

KEYWORDS:

Feminine defense. The Creation Story. Morals.

1 Introdução

Christine de Pizan, nascida em Veneza em 1364, foi uma autora que buscou valorizar a figura feminina, especialmente por meio da defesa da educação das mulheres, tema frequentemente ignorado pelos autores de sua época. É considerada por muitos estudiosos a primeira mulher do Ocidente a viver profissionalmente da escrita.

Mudou-se para França quando ainda era criança e, já adulta, casou-se com Etienne de Castel, secretário do rei Carlos V. Após a morte de seu marido, Pizan precisou encontrar meios para sustentar a si e sua família, visto que era mãe de três filhos. Passou, portanto, a dedicar-se intensamente aos estudos e à escrita, de modo que sua obra começou a chamar a atenção da corte do rei. Produziu mais de quarenta obras de diversos gêneros literários e voltadas para diferentes públicos, mas destacam-se as obras de instrução moral para o cultivo das virtudes, guias políticos para membros da corte e, principalmente, a defesa do sexo feminino (SCHMIDT, 2020, p. 3).

O presente artigo busca analisar alguns elementos centrais da argumentação de Christine de Pizan, especialmente sua refutação da tese segundo a qual a própria narrativa bíblica da criação justificaria a inferioridade natural da mulher.

2 Pizan e sua defesa do sexo feminino na idade média

A defesa das mulheres contra a difamação do sexo feminino na literatura e na filosofia medieval é um dos elementos que tornam a obra de Christine de Pizan particularmente relevante. Uma das obras de Pizan mais importantes para compreender a sua argumentação contra a inferioridade da mulher é a *Cidade das Damas*, narrativa alegórica e dialógica na qual a autora imagina a construção de uma cidade simbólica destinada às mulheres. Diferentemente de um simples catálogo biográfico, a obra constitui uma elaboração literária complexa, frequentemente classificada como pertencente ao gênero utópico (CALADO DEPLAGNE, 2006, p. 82 e ss.). Nesse sentido, aproxima-se de obras como *A Cidade de Deus*, de Agostinho, e antecipa, em certa medida, a tradição das utopias políticas que culminaria em *A Utopia*, de Thomas More.

Ao longo da narrativa, Christine constrói simbolicamente uma cidade habitada por mulheres exemplares da história e da tradição literária. Esses exemplos funcionam como *exempla*, destinados a demonstrar que a natureza feminina é plenamente compatível com o exercício da razão, da virtude e da vida intelectual.

Por meio desse método literário, Pizan procura demonstrar que as acusações de inferioridade dirigidas às mulheres não se sustentam quando confrontadas com a experiência histórica e com a reflexão filosófica. Além disso, formula uma série de argumentos capazes de refutar a tese da imperfectibilidade da forma feminina, utilizando-se de tradições filosóficas medievais como fundamento de sua defesa (SCHMIDT, 2020, p. 6).

3 As damas de Pizan

Na *Cidade das Damas*, a personagem Christine recebe a visita de três figuras alegóricas: *Razão*, *Retidão* e *Justiça*. Essas figuras a orientam na construção simbólica de uma cidade na qual as mulheres pudessem ser tratadas com justiça e igualdade. Aliás, a defesa da mulher no que diz respeito a igualdade de educação¹ perante os homens é um dos temas mais recorrentes na obra, como é possível perceber exemplificativamente no seguinte trecho: “*se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles*” (PIZAN, 2012, p. 126).

¹ Conforme salienta Luciana Calado Deplagne, o sentido de educação na obra de Pizan deve ser compreendido na sua acepção latina *ex-ducare* (conduzir fora de; externalidade) (CALADO, 2006, p. 87).

A *Razão* é a primeira figura a aparecer na obra e segura em sua mão direita um espelho, pois tal objeto lhe permite ver a essência das pessoas, tendo ela como missão a construção dos fundamentos e dos muros da Cidade. A *Retidão* é a segunda a se apresentar e carrega consigo uma régua para traçar o limite da virtude, separando, assim, o bem do mal e tendo como missão construir as casas da Cidade. Por fim, a terceira a se apresentar é a *Justiça* segurando na sua mão direita uma taça de ouro em que está gravada a flor-de-lis da Trindade, possuindo como missão: a construção das altas torres e fortificações da Cidade (KARAWEJCZYK, 2017, p. 197). Essas figuras aconselham Christine, personagem da narrativa, durante a construção da cidade, permitindo que a autora ofereça às leitoras reflexões morais e intelectuais sobre a dignidade feminina.

Pizan viveu em um momento da história do ocidente em que a visão de mundo predominante dividia a sociedade em homens e mulheres de maneira não complementar, de modo que, através de um sistema rígido hierárquico, os homens estavam acima das mulheres em todos os espaços e ocasiões. Tal construção existente na Idade Média tem como uma de suas principais bases a cristandade que, desde a Antiguidade Tardia reforçava a representação do desequilíbrio entre os sexos, favorecendo o homem e sua suposta superioridade. A Igreja, portanto, contribuiu em demasia para a não participação da mulher na sociedade. Era comum naquela época pensar que “*por natureza, a mulher só pode ocupar uma posição secundária*” e que “*o homem está no alto, a mulher em baixo*”, conforme destaca KLAPISCH-ZUBER (2002, p. 138-139). A necessária submissão e consideração da mulher como inferior pode ser creditada, também, ao fato de que na era medieval não se concebia a ordem sem hierarquia. Portanto, o masculino e o feminino respeitavam tal noção, havendo a construção de uma polaridade e uma superposição extremamente hierarquizada entre os sexos, emergindo, daí, uma imagem negativa associada a mulher.

Segundo Carlos Roberto F. Nogueira (1991, p. 104-106), até mesmo autores influentes como São Paulo ou Tomás de Aquino reafirmam que a mulher é um ser imperfeito, deficiente e que cedeu às tentações do tentador, razão pela qual deve sempre a mulher ficar sob a tutela do homem. Para Hilário Franco Júnior e Franco Cardini (2010, p. 273) o Mito da Criação e do Pecado Original seduziam fortemente os homens cristãos da Europa Medieval, visto que viam nesses mitos o início de todas as limitações e tentações da natureza humana, bem como encontravam justificativa para a inferioridade da mulher em tais mitos.

4 O mito bíblico da criação e a suposta inferioridade feminina

Diante disso, a imagem da mulher como auxiliar do homem teria como origem o próprio Mito Bíblico da Criação. Nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, Deus cria Adão a partir do barro e o

coloca no Jardim do Éden, permitindo a Adão o consumo de todos os frutos, exceto os da Árvore do conhecimento do bem e do mal, porque se dela comesse, certamente viria a morrer (GÊNESIS, Capítulo 2, Versículos 16-17). Após, Eva é criada da costela de Adão e, portanto, deveria a ele, o homem, sua vida e a ele precisaria mostrar obediência e submissão, reforçando a ideia de uma suposta natural inferioridade feminina. Portanto, é interessante observar que *“a partir do momento em que um sistema simbólico determina posições relativas ao masculino e ao feminino e papéis específicos aos homens e às mulheres, estes não podem ser modificados sem questionar a ordem do mundo à qual eles se referem”* (KLAPISCH-ZUBER, 2002, p. 148).

A mulher, através de uma interpretação radical do Mito da Criação em Gênesis, seria a manifestação de um agente do mal, uma vez que Eva permitiu a entrada do mal no mundo a partir da sucumbência à manipulação efetuada pela serpente, que convenceu Eva a comer o fruto da Árvore proibida (GÊNESIS, Capítulo 3, Versículo 6). A mulher, portanto, no entendimento da sociedade e da religião na era medieval, era minada pelo descontrole, pela curiosidade, pela transgressão e vista como corruptora dos valores civilizados e corretos. Com isso, a mulher na época de Pizan era fortemente controlada e a figura feminina foi convertida em objeto de perdição, limitada ao espaço privado da vida (COELHO et al, 2019, p. 285), bem como, naturalmente, todas as mulheres, por serem descendentes de Eva, seriam dotadas de estupidez, em oposição a razão que era um atributo masculino, de modo que possuiriam as mulheres uma tendência a corrupção diante de sua fraqueza (PIRES, 2016, p. 134).

Em termos gerais, o argumento existente na Idade Média para sustentar a ideia de que a mulher é inferior ao homem e que, portanto, não merece igualdade e justiça perante ele, pode ser reconstruído da seguinte maneira:

- (i) No Mito da Criação bíblico, Deus criou primeiro o homem, Adão, a partir do barro, a sua própria imagem e semelhança;*
- (ii) Em momento posterior, Deus criou a mulher, Eva, a partir da costela de Adão;*
- (iii) Eva, ao dar atenção a serpente, sucumbiu ao pecado, permitindo que o mal adentrasse no paraíso;*
- (iv) As mulheres, representadas por Eva no Mito da Criação, portanto, são responsáveis pela corrupção do mundo;*
- (v) Além disso, as mulheres são auxiliares, complementares e secundárias em relação ao homem, pois Eva ao ter sido criada a partir do corpo/da costela de Adão, deve sua vida a ele;*
- (vi) Portanto, as mulheres devem ser submissas e devem estar abaixo do homem na hierarquia*

social, de modo que assim foi determinado naturalmente, por Deus, quando criou a humanidade e também diante do pecado original cometido por Eva ao sucumbir à manipulação da serpente no Éden.

A bíblia foi escrita refletindo uma sociedade patriarcal e excludente e, com isso, os signos sociais legitimaram na Idade Média a hegemonia do homem, justificando a inferiorização e a restrições de direitos das mulheres. Christine de Pizan compreendia este contexto de subvalorização da mulher na sociedade de sua época e que era fomentada pela cristandade. Tendo isso em vista, publicou diversas obras apresentando defesas sólidas do sexo feminino. Segundo Ana Rieger Schmidt, a *Cidade das Damas* é um dos textos mais importantes de Pizan para analisarmos seus argumentos contra a inferioridade da mulher (2020, p. 5). Além disso, Pizan reconhece a força cultural dessa interpretação bíblica, mas procura demonstrar que ela resulta de uma leitura parcial e equivocada.

5 Desconstruindo o mito: o argumento de Pizan em defesa da forma feminina

Christine de Pizan desenvolve, ao longo da *Cidade das Damas*, uma refutação sistemática dessa leitura misógina do relato bíblico. Logo nas primeiras, questiona-se sobre quais seriam as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres a condenar suas condutas (PIZAN, 2012, p. 58). Tal reflexão a teria inundado pelo desgosto e pela consternação, desprezando-se a si mesma e a todo sexo feminino, como se tivessem as mulheres sido geradas monstros pela natureza, visto que a autora não conseguia compreender como Deus poderia ter feito algo tão imperfeito e vil como a mulher, segundo a opinião daqueles autores.

“Ah, Deus! Como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E, desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam - e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade -, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade? Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo". (PIZAN, 2012, p. 60)

Portanto, Pizan compreende que a mulher ocupa na sociedade em que vive uma posição de inferioridade perante o homem, e que esse tipo de concepção está enraizada em um fundamento natural e religioso, advindo da Criação. É, portanto, no capítulo IX, do Livro I, da *Cidade das Damas*, que Pizan ataca a cerne da questão, argumentando, em defesa das mulheres, ao longo de toda a obra, que sua natureza e criação são tão dignas e nobres quanto a do homem.

Primeiramente, a autora esclarece, através da figura alegórica da *Razão*, que a mulher foi formada à imagem de Deus, assim como o homem. No entanto, esclarece que quando se escuta dizer que Deus fez o homem a sua imagem, não se trata de um relato físico e literal sobre o corpo físico. Deus, segundo Pizan, ainda não havia tomado forma humana. Portanto, quando o texto bíblico refere-se à imagem de Deus, está referindo-se a alma, que durará eternamente à imagem de Deus. Essa alma, por sua vez, Deus a criou de forma tão boa e perfeita, idêntica tanto no corpo do homem como no corpo da mulher. Tal fato é tão evidente, segundo a autora, pois na essência do pensamento divino, que é eterno e imutável, sempre existiu a ideia do homem e da mulher. Quando foi do interesse de Deus, foi criado Adão do “limo da terra”, levando-o, posteriormente, ao Jardim do Éden, que era o verdadeiro paraíso na Terra e o lugar mais digno do mundo de baixo. Em determinado momento, quando Adão adormeceu, Deus retirou uma de suas costelas e formou o corpo da mulher, o que significa, para Pizan, que a mulher deve estar ao lado do homem como uma companheira e não aos seus pés, como uma escrava. É dever do homem, desse modo, amar e respeitar a mulher, visto que ela é sua própria carne e manifestação direta, também, do intelecto de Deus. Pizan também salienta que a mulher foi feita diretamente no Éden, ou seja, no paraíso do mundo terreno e que, como consequência, foi concebida a partir da matéria mais nobre que havia sido criada, pois foi do corpo do homem que Deus a criou (PIZAN, 2012, p. 81-82).

Pizan ainda questiona à *Razão*, a respeito da fala de Cícero, que afirmava que o homem não deveria servir a uma mulher, pois se assim fizesse, estaria se rebaixando e colocando-se a serviço de alguém menos nobre do que si. A Dama então responde que o maior é aquele ou aquela que possui mais méritos, de modo que a excelência e a inferioridade das pessoas não residem no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes. Além disso, quanto a opinião de que a mulher seria a corruptora do mundo, tendo Eva causado o banimento do paraíso, não poderia tal opinião estar mais equivocada, visto que a humanidade jamais teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva: “*graças a Maria, ele [o homem] ganhou grau muito mais alto do aquele que havia perdido por causa de Eva, pois a humanidade não teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva. Homens e mulheres devem louvar essa falta, através da qual uma honra tão grande lhes adveio, pois, quanto maior tenha*

“... sido o rebaixamento da natureza humana por uma criatura, mais alta foi sua elevação por outra criatura” (PIZAN, 2012, p. 83).

Utilizando-se da técnica literária da *exempla*, que é comum durante toda a obra, Pizan reforça o aspecto da igualdade entre homens e mulheres através da educação. No Livro I, XXVII (PIZAN, 2012, p. 126), Pizan, através de uma das Damas, destaca que se as mulheres recebessem iguais oportunidades de educação de alto nível, tais quais recebem os homens, elas aprenderiam e compreenderiam todos os assuntos com perfeição também. Portanto, para Pizan, fica claro que as limitações sociais impostas às mulheres são os fatores que causam a errônea impressão de que as mulheres seriam intelectualmente deficitárias, visto que, sempre que uma mulher tem a igual oportunidade de ser plenamente educada e versada nas artes e nas ciências, ela domina e desempenha tais assuntos com tanta maestria quanto um homem. Mais adiante e ainda no Livro I (XLIII) Pizan retoma essa ideia e adiciona Deus ao seu argumento, afirmando que Deus deu à mente feminina “*muita agudeza para compreender, conhecer e reter toda as áreas do conhecimento*” e que ela mesma, através do exemplo de outras mulheres, mas também através de sua própria experiência e percepção sobre si mesma, compreende que o espírito feminino é capaz de julgamento e discernimento, sendo a mulher, desse modo, capaz de aprender coisas difíceis em ciências e em outras áreas (2012, p. 153). Quando o assunto são as leis, a política e os governos, uma das Damas também destaca a Pizan que mulheres tem entendimento suficiente para aprender e dominar tais temáticas, visto que numerosas mulheres no passado e na época de Pizan foram grandes filósofas e governantes, como a nobre imperatriz Nicole e a rainha Fredegunda (2012, p. 92-93).

O argumento em defesa da forma feminina tão nobre e perfeita quanto a forma masculina, por parte de Pizan, pode ser resumido, diante do exposto, da seguinte maneira:

- (i) *O Mito da Criação, na verdade, é uma evidência forte de que o homem e a mulher são igualmente nobres;*
- (ii) *No intelecto de Deus, que é eterno e imutável, sempre existiu a ideia e a forma do sexo masculino e do sexo feminino e quando foi da plena Vontade Divina, Deus então criou Adão e, posteriormente, Eva;*
- (iii) *Quando o texto bíblico refere que Deus criou o homem a sua própria imagem e semelhança, não se deve interpretar de maneira literal e física, visto que Deus, até aquele momento, não havia tomado forma física;*

(iv) Portanto, a imagem de Deus deve ser entendida como a alma, que durará eternamente e que está igualmente inscrita de maneira idêntica, boa e perfeita tanto no corpo do homem quanto da mulher;

(v) Além disso, Eva foi criada no Éden e a partir do material mais nobre que havia, qual seja, o corpo de Adão, que havia sido perfeitamente criado pelo Poder Divino;

(vi) A ideia de que a mulher deve estar abaixo hierarquicamente do homem, desse modo, se opõe ao Mito da Criação, pois se é a mulher tão nobre quanto o homem e criada a partir da Vontade e do Intelecto Divino dentro do Paraíso, é bem verdade que a mulher deve ser respeitada e amada pelo homem, pois a ele complementa e ao seu lado como companheira deve permanecer.

Sobre a questão envolvendo as capacidades intelectuais e as virtudes do sexo feminino, o argumento de Pizan é ainda mais claro e inequívoco em defesa da igualdade do sexo feminino:

(i) Mulheres são consideradas inferiores e menos aptas intelectualmente na sociedade medieval, pois não recebem as mesmas oportunidades de educação ou não recebem educação de igual qualidade à que é dada aos homens;

(ii) Resta claro, portanto, que mulheres são privadas de desenvolverem-se plenamente;

(iii) Há centenas de exemplos de mulheres que se tornaram igualmente capazes de desempenharem ofícios nas artes, na política e na ciência em relação aos homens;

(iv) Logo, sempre que uma mulher tem a igual oportunidade de receber educação de qualidade, ela se torna tão bem versada em todas áreas do conhecimento quanto os homens, uma vez que Deus concedeu à mente feminina muita agudeza para tal.

É possível sintetizar, portanto, a argumentação de Pizan nos seguintes termos:

Argumento teológico	Argumento antropológico	Argumento educacional
I. Deus criou o homem e a mulher à sua imagem.	I. Eva foi criada a partir do corpo de Adão.	I. Mulheres parecem menos instruídas porque lhes é negado acesso à educação.
II. A imagem divina refere-se à alma racional.	II. Isso indica unidade da natureza humana.	II. Sempre que mulheres recebem educação equivalente,

		demonstram igual capacidade intelectual.
III. Essa alma é igualmente perfeita em ambos.	III. Logo, homem e mulher pertencem à mesma ordem ontológica.	III. Portanto, a suposta inferioridade feminina resulta de fatores sociais, não naturais.
IV. Portanto, não há fundamento teológico para afirma inferioridade feminina.		

6 Outras interpretações do mito da criação

Interessante observar que os argumentos de Pizan se coadunam com outras interpretações até mesmo mais antigas sobre o Mito da Criação advindas de fora do contexto Cristão. Segundo Howard Schwartz, na mitologia do Judaísmo “antigo”, alguns sábios entendiam que Adão foi criado originalmente com dois rostos, um masculino e outro feminino, com base na descrição feita no Gênesis, Livro I, Versículo 27: “*Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”. Outros interpretariam que Adão e Eva foram criados como um único ser, com Adão na frente e Eva atrás, de modo que as costas de Adão dariam forma à Eva. Deus, observando que a mobilidade deste ser era extremamente limitada e complicada, teria dividido Adão em dois, criando duas costas, uma para Adão e outra para Eva, tornando-os seres distintos. No Livro V, Versículo 2, do Gênesis, haveria outro trecho capaz de sustentar a hipótese do “Adão hermafrodita”: “*homem e mulher os criou, Quando foram criados, ele os abençoou e os chamou Homem*” (SCHWARTZ, 2004, p. 138).

Schwartz, transcrevendo John R. Levison, destaca também que muitos rabinos interpretam o Mito da Criação sob o prisma do “Adão hermafrodita”, como é o caso do Rabino Samuel bar Nachman e do Rabino Jeremiah bem Eleazer. Além disso, seria correto afirmar que, mesmo adotando-se a leitura de que Eva foi criada da costela de Adão, ambos são essencialmente o mesmo ser: “*One reading of this myth is that such an androgynus creature as this indicates a myth that man and woman emerged from a single being. And this is also true in the sense that Eve was created from Adam’s rib. Before Eve was created, then, her potential existed within Adam. Thus Adam and Eve were once a single being, not in the sense of separate being fused together, but in the sense of having both male and female qualities*” (SCHWARTZ, 2004, p. 138). Rabi Shlomo Yitzhaki, um dos mais relevantes intelectuais judaicos da era medieval

(século XI), também compreendia que Adão foi criado com duas faces, uma masculina e a outra feminina (FEILER, 2019, p. 203).

No Islã, o Mito da Criação é referenciado no Alcorão, na Segunda Surata, e de acordo com o texto tanto Adão quanto Eva comeram da Árvore proibida: “35. *Determinamos: Ó Adão, habita o Paraíso com a tua esposa e desfrutai dele com a prodigalidade que vos aprouver; porém, não nos aproximeis desta árvore, porque vos contarei entre os iníquos.* 36. *Todavia, Satã os seduziu, fazendo com que saíssem do estado (de felicidade) em que se encontravam.*” (Alcorão, Al Bâcara, 35 e 36). Não há, no Islã, portanto, a noção de pecado original cometido por Eva, visto que Adão também teria caído nas tentações do pecado, bem como ambos foram perdoados por Deus (Alcorão, Al Bâcara, 37).

Tais exemplos trazidos acima e advindos de religiões estranhas ao Cristianismo são capazes de demonstrar que mesmo não se adotando um ponto de partida perspectivo de defesa das mulheres, como adota Pizan, é possível atingir a conclusão de que mesmo através de possíveis argumentos teológicos não se sustenta a tese sobre a imperfeição da forma natural da mulher e de sua inferioridade tendo como base o Mito da Criação. Infelizmente, a voz de Pizan não foi suficiente para já naquela época suplantar a construção de uma identidade feminina que situava as mulheres em uma condição inferior em relação aos homens. No entanto, não se deve deixar de lado o fato de que Pizan não esteve sozinha durante o período em que viveu. Muitas outras autoras e figuras intelectuais femininas foram contemporâneas de Pizan e apresentaram contribuições significativas para a tradição intelectual ocidental, tais como a heroína nacional francesa e santa católica Joana d’Arc e as autoras Julian de Norwich, Isabel da Baviera, Margery Kempe, etc. Portanto, assim fica claro que o projeto historiográfico masculino e misógino que considera a Idade Média como a “Idade dos Homens” se mostra incondizente com a realidade intelectual do período.

7 Considerações finais

Christine de Pizan, através de sua narrativa em defesa das mulheres contra a difamação do sexo feminino na *Cidade das Damas*, manifesta uma das primeiras células no ocidente de insurgência contra o patriarcado medieval e a misoginia, muito antes dos movimentos feministas da era contemporânea. Sua argumentação insere-se no contexto da *Querelle des Femmes*, amplo debate medieval e renascentista sobre a dignidade feminina. Nesse contexto, Pizan não deve ser vista como uma voz isolada, mas como parte de um conjunto mais amplo de produções intelectuais femininas que desafiaram a tradição misógina dominante. Não há, segundo Pizan – acertadamente -, qualquer razão para que se compreenda o Mito da Criação como fator estabelecedor da condição do sexo feminino pré-determinada como auxiliar e submissa ao homem. Se Deus, em toda sua sabedoria e perfeição divina, criou a mulher e a ela deu sua

própria essência, assim como fez com o homem, não se pode presumir que Deus tenha incorrido em algum equívoco ao criar a forma do sexo feminino e a mulher, conforme muito bem demonstrou Pizan. Nesse cenário, Christine de Pizan ocupa um lugar central ao demonstrar que não há fundamento filosófico, teológico ou moral para considerar a mulher naturalmente inferior ao homem.

Referências

ALCORÃO SAGRADO. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000001.pdf>.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia on* – Bíblia Sagrada Online. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/genesis/>.

CALADO DEPLAGNE, L. E. F. *A Cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e Tradução. Universidade Federal de Pernambuco, (Doutorado em Letras). 371 f. Recife, 2006.

_____. A reescrita do mito das amazonas na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. In: *Anuário de literatura – Programa de Pós-Graduação em Literatura Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, vol. 18, n. esp. 1, p.115-13, 2013.

COELHO, I. M.; SOUZA, D. C.; HONORATO, E. J. S. Os processos religiosos judaico-cristãos e a construção do machismo. *REVES – Revista Relações Sociais*, v. 2, n. 2, p. 281-290, 2019.

FEILER, B. *Adão e Eva, a primeira história de amor: e o que eles podem nos ensinar sobre relacionamentos*. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

JÚNIOR, H. F.; CARDINI, F. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010.

KARAWEJCZYK, M. Christine de Pisan, uma feminista medievo?! *Historiae*, v. 8 (1), p. 189-203, 2017.

KLAPISCH-ZUBER, C. Masculino/feminino. In: LE GOFF, J.; SCHMIDT, J. C. (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.

NOGUEIRA, C. R. F. *Bruxaria e História – As práticas mágicas no ocidente Cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PIRES, J. D. A. Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original. *Faces da História*, v.3, n.1, p. 128-142, jan.-jun., 2016.

PIZAN, C. *A cidade das damas*. Trad.: Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

SCHMIDT, A. R. Christine de Pizan. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 6, n. 3, 2020, p. 1-15. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>. Acesso em 08 mai, 2023.

SCHWARTZ, H. *Tree of Souls: The Mythology of Judaism*. New York: Oxford University Press, 2004.

Recebido em: 10/04/2024

Aceito em: 19/03/2026